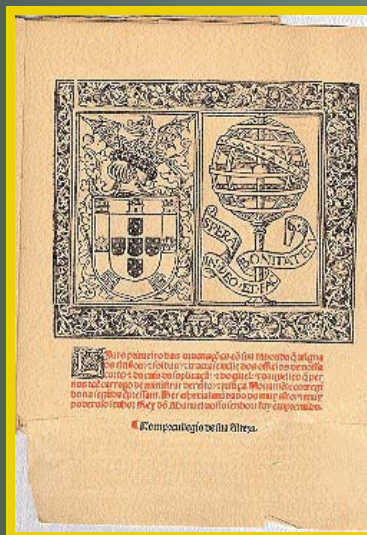
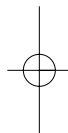
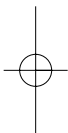


**Albertino Calamote**

# **A imprensa e as Ordenações Manuelinas**

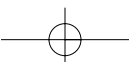


**Alfragide 1997**



AUTORIA,  
GRAFISMO  
E PAGINAÇÃO Albertino Calamote

IMAGEM DA CAPA Folha de rosto das «Ordenações d'el-Rei D. Manuel»  
(Edição de 1514)



## Introdução

O Portugal seiscentista ocupou lugar de vanguarda entre as nações mais desenvolvidas. O alargamento dos horizontes espaciais, representado pela abertura das rotas ao novo mundo, deu a expansão reclamada pelo espírito científico, que explodiu ao contacto com novas culturas e novas civilizações.

Portugal e a descoberta de Gutenberg foram dois dos mais importantes obreiros do grande salto operado no século XVI.

**N**ão é fácil produzir, num pequeno artigo, um trabalho sobre os primórdios da imprensa em Portugal. Corre-se o risco de não suscitar o interesse do leitor, nem, ao mesmo tempo, conseguir alguma originalidade e suficiente rigor histórico.

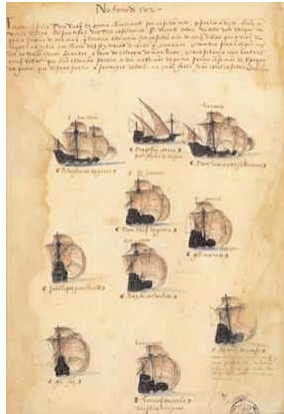
Rigor histórico e originalidade são, no caso presente, factores com elevado índice de incompatibilidade, se tivermos em conta que a bibliografia disponível assenta, na sua quase totalidade, em fontes comuns, sucessivamente analisadas e dissecadas com novas interpretações, nem sempre convergentes no essencial.

Reconhecemos, por outro lado, a evidente insipiência da nossa pesquisa. Propomo-nos, contudo, pôr mãos à obra e trabalhar. Que o mesmo é dizer: propomo-nos levar *Uma Carta para Garcia*, tal como o fez Rowan quando o presidente Mac-Kinley lhe entregou a missiva para o célebre insurrecto cubano, sem que o destemido emissário lhe perguntasse: «— Onde é que ele se encontra?»<sup>1</sup>. Além do mais, anima-nos o ensejo de podermos referir-nos a uma das épocas mais gloriosas do nosso país, cujo

---

<sup>1</sup> Episódio da guerra de 1898, entre os Estados Unidos e Espanha, movida por choque de interesses na ilha de Cuba, então colónia espanhola. O conflito, que terminou com a derrota dos espanhóis, levaria ao fim da sua colonização em Cuba. O texto de Elbert Hubbard, “Uma Carta para Garcia” encontra-se publicado no *Jornal do Exército*, Abril de 1977, p. 4-5

avanço científico e tecnológico o guindaram a posição de relevo na Europa do Renascimento: o promissor desenvolvimento do livro impresso foi apenas uma das áreas de primeira fila.



Armada de Vasco da Gama  
(1502)

Assim, deteremos a nossa atenção apenas sobre uma pequena parte da matéria – concretamente, sobre a publicação impressa de uma das obras mais marcantes da época, cujas sucessivas edições percorreram todo o século, e cujo conteúdo ainda hoje enforma significativamente as nossas condutas sociais.

Trata-se das *Ordenações Manuelinas*. A nossa escolha baseia-se também na expectativa de que teremos oportunidade de abordar pelo menos alguns dos mais salientes pontos da importante arte de imprimir, sem prejuízo de, mais tarde, podermos voltar ao assunto.

## Breve referência ao contexto histórico

Ainda não tinha findado o século XV, e começava a discorrer o século XVI, e já tínhamos a trabalhar imprensas em Lisboa, Leiria e Braga; e durante o século XVI o movimento industrial tornou-se tão notável, que, para corresponder ao movimento intelectual que queria alcançar os benefícios da maravilhosa arte, vemos estabelecidos prelos, com mais ou menos actividade, segundo a importância que esses podiam ter nas respectivas localidades, em Évora, Coimbra, Alcobaça, Setúbal e outras terras. E em tal conta el-rei D. Manuel teve essa arte, e tão importante a julgou pelo seu fulgurante clarão, que aos que a exerciam concedeu, como é sabido, privilégios e isenções que por então eram regateados e só concedidos às pessoas de nobre estirpe.

Brito Aranha. *A imprensa em Portugal nos séculos XV e XVI. As Ordenações d'el-Rei D. Manuel*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.

A passagem do cabo da Boa Esperança, por Bartolomeu Dias, em 1487, a viagem dos quatro navios de Vasco da Gama para a Índia, dez anos mais tarde, e a inauguração, em 1501, pelo rei venturoso, D. Manuel, da prática das carreiras marítimas anuais para o extremo-oriental, colocariam Portugal em posição destacada no seio da Europa do Renascimento.

O aparecimento da imprensa verificou-se no momento exacto em que se desenhou o início de um progresso material, técnico e cultural que atingi-

ria especial significado no século XVI, caracterizado pelo ímpeto surpreendente das navegações e pela multiplicidade das descobertas planetárias que viriam dar resposta à natural curiosidade dos homens daquele tempo.

Em 1449, o alemão Johannes Gutenberg obtém do holandês Johan Fust um empréstimo de 800 florins. Com esse dinheiro leva a cabo o seu objectivo de dispor de uns pequenos blocos de chumbo que se fundiam em outros, de cobre ou de latão, chamados matrizes. Assim se obtinham perfis de letras em relevo que, embebidos de tinta, ficavam reproduzidos no papel que se lhes aplicava com a pressão de uma grande prensa de madeira de carvalho. Com a publicação, em 1456, da sua «Bíblia das 42 Linhas», em dois volumes de tamanho fólho e com mais de 1200 páginas no total, Gutenberg «deu à luz» a imprensa.

A invenção de Gutenberg e dos seus colaboradores e sócios, que suscitou, conseqüentemente, um considerável avanço na indústria do papel, foi considerada como instrumento de uma «arte divina», como símbolo de uma nova «idade de ouro».



Prensa de Gutenberg e página da célebre «Bíblia das 42 Linhas»

Segundo Jean Delumeau<sup>2</sup>, a imprensa, ao permitir a substituição do «livro-jóia», restrito às camadas mais privilegiadas da sociedade, pelo «livro-utilidade», incalculavelmente mais barato e acessível, veio transformar-se num poderoso apelo ao conhecimento e num veículo revolucionário de difusão ao serviço do Estado, do Ensino e da Cultura em geral.

<sup>2</sup> DELUMEAU, Jean – *A Civilização do Renascimento*, vol I. Lisboa, Estampa, 1984, p. 192.

## As Ordenações e as suas diferentes edições no século XVI

Três funções públicas reflectem assim, de modo diverso, o uso da tipografia [em Portugal, no século XVI]: a Igreja utilizando-a com regularidade; o Estado, aproveitando-a nos momentos de maior actividade legislativa; o Ensino, dela se apropriando a pouco e pouco para facilitar o efeito dos seus próprios meios de comunicação.

Jorge Borges de Macedo. «Livros impressos em Portugal no século XVI: interesses e formas de mentalidade», *Arquivos do Centro Cultural Português*. IX: 183-221. Paris, Fund. Calouste Gulbenkian, 1975, p. 212.

### O êxito da imprensa e as «Ordenações»

O êxito do novo invento é fulgurante, porque vem ao encontro de uma necessidade cultural do momento. O contexto histórico da época transferiria, para a classe burguesa que aparecia pujante, a ânsia de conhecimento até então só permitida ao clero e a alguns aristocratas.

Segundo Artur Anselmo<sup>3</sup>, data de 1497 a primeira obra de um impressor português: Rodrigo Álvares, que introduziu a arte tipográfica no Porto, graças ao apoio recebido do bispo D. Diogo de Sousa.

É muito importante o papel mecénático de clérigos e nobres, de que se salienta o de D. Leonor, viúva de D. João II e irmã de D. Manuel I – notório, por exemplo, na protecção dada a Valentim Fernandes<sup>4</sup> –, mas o apoio da casa real ao negócio livreiro, que já existia em Portugal desde D. Afonso V, vem a culminar com o “privilégio”, em 1508, por D. Manuel.

Esta importante prerrogativa alargava, aos impressores de livros, os mesmos direitos e regalias dos cavaleiros da casa real<sup>5</sup>.

O êxito da imprensa em Portugal foi um facto naquela época, e o nosso país estava na primeira linha dos progressos da nova arte. São, sobre isso, bem eloquentes as palavras de Brito Aranha, o insigne bibliógrafo e continuador do *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio Francisco da Silva: «Posso afirmar, sem medo de contradicta, que conquistámos, e temos mantido sempre, bom e distinto logar na história universal da imprensa, logo pouco depois do seu descobrimento. Accentue-se isto para os que ainda o ignorem»<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> ANSELMO, Artur – «Livro», *Enciclopédia Polis*, INCM, 1990, p. 1185.

<sup>4</sup> Veja-se Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, vol. III. Lisboa, Verbo, 1980, p. 348.

<sup>5</sup> ANSELMO, Artur – *Op. cit.*, p. 1186.

<sup>6</sup> ARANHA, Brito – *A Imprensa em Portugal nos séculos XV e XVI. As Ordenações D’El-Rei D. Manuel*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, p. 8.

Quanto às *Ordenações*, a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* define-as como «compilações das nossas leis antigas, feitas com o objectivo, não só de as gravar num corpo único, mas também de as tornar mais claras, evitando incoerências e contradições»<sup>7</sup>. No caso particular das *Ordenações Manuelinas*, é Damião de Gois quem sobre elas diz:

«mandou [D.Manuel] por homens doutos do seu conselho visitar e rever os cinco livros das Ordenações que el-rei D. Afonso V, seu tio, fez reformar, sendo regente o infante D. Pedro seu tio, por ele ser de menor idade, nas quais mandou diminuir e acrescentar aquilo que pareceu necessário para bom regimento do reino e ordem da justiça, no que se trabalhou, e tanto tempo, que foi a mor parte de todo o que ele reinou»<sup>8</sup>.

As *Ordenações Manuelinas* seguem a organização das *Ordenações Afonsinas*, a primeira compilação oficial de Direito do País, de meados do século XV. O Livro I inclui os regimentos dos diversos cargos públicos, régios e municipais; o Livro II ocupa-se dos bens e privilégios da Igreja, dos direitos régios e da sua cobrança, da jurisdição dos donatários, das prerrogativas da nobreza e da legislação especial para judeus e mouros; o Livro III sintetiza as normas do processo civil; o Livro IV trata do direito civil substantivo e o Livro V é dedicado ao direito e processo penal<sup>9</sup>.



Ordenações Manuelinas

### As diferentes edições<sup>10</sup>

Em 1512-1513 foram editados os dois primeiros livros, impressos por Valentim Fernandes. Não se sabe se se trata de uma edição da obra, ou de uma parte da mesma, visto não haver notícia da impressão dos restantes livros<sup>11</sup>. Há divergência entre autores sobre o facto, isto é, Aranha, por

<sup>7</sup> *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol 19, p. 579.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> COSTA, Mário Júlio de Almeida – “Ordenações”, *Dicionário de História de Portugal*, vol IV. Porto, Liv. Figueirinhas, 1985, p. 443 .

<sup>10</sup> ARANHA, Brito – *Op. cit.*

<sup>11</sup> *Ibidem*.

exemplo, é de opinião de que apenas saíram aqueles dois livros; para António Joaquim Anselmo, pelo contrário, deve ter existido a edição completa, mas a proibição de D.Manuel, em 1521, das edições anteriores à deste ano, poderá ter evitado que sejam hoje conhecidos os restantes livros<sup>12</sup>.

Em 1514, João Pedro de Cremona, ou Bonhomini, que fora parceiro e sucessor de Valentim Fernandes, imprimiu uma preciosa edição, geralmente aceite com a primeira edição completa das *Ordenações de el-rei D. Manuel*.

Em 1521 surge nova edição, impressa por Jacob Cronberger. Os dois primeiros livros e o quarto foram impressos em Évora, o terceiro e o último em Lisboa.

Em 1526, Germano Galhardo é o impressor de nova edição das *Ordenações*, feita em Lisboa.

Em 1539, e desta vez em Sevilha, João Cronberger (filho de Jacob Cronberger ?), assina a impressão de mais uma edição.

Finalmente, em 1565, Manuel João imprime, em Lisboa, aquela que é tida como a quinta edição completa das *Ordenações Manuelinas*, e última com esta nomenclatura, que vigoraria, com algumas leis posteriores, entretanto promulgadas, até 1603, data da publicação das *Ordenações Filipinas*, nova e actualizada compilação do repertório legislativo do Estado.

### Os impressores das «Ordenações»<sup>13</sup>

E vimos em nossos dias  
A letra de fôrma achada,  
Com que a cada passada  
Crescem tantas livrarias  
E a ciência é aumentada.

Garcia de Resende,  
*Miscelânea*, 1554.

#### Valentim Fernandes

Valentim de Morávia, impressor alemão, que adoptou o apelido Fernandes, trabalhou em Lisboa desde 1495 a 1518, só ou de sociedade com os mestres Nicolau de Saxónia, João Pedro de Cremona e Hermão de Campos.

<sup>12</sup> ANSELMO, António Joaquim – *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*. Lisboa, Tipografia da Biblioteca Nacional, 1926, p. 159.

<sup>13</sup> Dados extraídos, fundamentalmente, da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

Protegido da «rainha velha» D. Leonor, grande estuasiasta do desenvolvimento e expansão da imprensa em Portugal, para além do Primeiro Livro das *Ordenações* (1512) e do Segundo (1513) – únicos conhecidos –, imprimiu diversas obras, de que se salienta a *Vita Cristi*, um dos mais notáveis incunábulos tipográficos impressos em português. Era também autor e tradutor. Imprimiu e publicou, entre outras obras, o *Reportório dos Tempos* e a *Viagem de Marco Polo*, que traduziu para língua portuguesa.

Na figura, poderemos apreciar a marca de imprensa de Valentim Fernandes. A marca descreve-a o *Dicionário Bibliográfico Português* da seguinte forma:

«em um galhardo escudo um leão coroadado, e em pé, e com grande cauda levantada, com uma cedula nas mãos, que tem um V, letra inicial do seu nome, e no meio d'ella uma hastea ao alto com fita volteada, que remata em cruz, com a letra por baixo L S V W H».

#### João Pedro Bonhomini, de Cremona

Impressor italiano, natural de Cremona, Aparece estabelecido em Lisboa de 1501 a 1514, depois de ter estado estabelecido em Florença, nos últimos anos do século XV.

Teve parceria com Valentim Fernandes, mas também trabalhou só. A mais famosa das suas obras é a edição de 1514 das *Ordenações*, donde se realçam os caracteres góticos muito cuidados e nítidos, mas conhecem-se-lhe mais meia-dúzia de impressões, entre as quais *Este é o livro e legêda que falla de todolos feytos e payxões dos sãtos martires* (1513).

A sua marca de imprensa consiste num círculo inscrito num paralelogramo, com o pequeno triângulo ao centro. No terço superior do círculo, uma linha em que assenta uma cruz potenteia<sup>14</sup>.

#### Jacob Cronberger

Impressor alemão que, de 1502 a 1528, teve oficina em Sevilha, cidade onde imprimiu alguns dos mais belos livros góticos espanhóis e onde viria a falecer em 1540.



Selo de Valentim Fernandes

<sup>14</sup> Cruz grega, com os braços em forma de T, também chamada Cruz de Santo António.

O nosso rei D. Manuel I chamou-o a Portugal em 1508, ano em que lhe concedeu privilégios e honras de cavaleiro de sua casa. O alvará concede ainda a mesma mercê a todos os que já exerciam ou viriam a exercer a arte de tipógrafo «uma vez que tivessem de cabedal 2.000 dobras de ouro, fossem cristãos velhos, sem sangue de judeu ou mouro, e não suspeitos de heresia ou incursos em infâmia ou crime de lesa majestade»<sup>15</sup>.

No entanto, e por motivos que se não conhecem, só treze anos mais tarde aparece a sua primeira produção portuguesa de Lisboa. Trata-se do segundo, do terceiro e do quinto livros da edição de 1521 das *Ordenações*, de que viria a imprimir em Évora os restantes dois livros: primeiro e quarto.



#### Germano Galhardo

Este mestre tipógrafo francês do século XVI (Germain Gaillard?) trabalhou em Lisboa desde 1519, provavelmente até 1561, «sendo, a seguir a João Barreira, o impressor mais fecundo em Portugal no século XVI»<sup>16</sup>.

Depois de ter produzido, em 1526, a impressão da edição das *Ordenações*, Galhardo foi nomeado para o cargo de impressor da casa real, em 1530, desde quando é encarregado de organizar a imprensa do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Em 1539 recebe privilégio, por dez anos, para executar a reimpressão de duas importantes obras: a *Cartilha*, de D. Diogo Ortiz, e *Reportório dos Tempos*, do espanhol André de Li, que Valentim Fernandes traduzira e compusera uma vintena de anos antes.

Como marcas, usou a esfera armilar, e, nalguns livros, o escudo das armas reais com um grifo. A actividade da sua oficina prolongou-se com os herdeiros e com a viúva durante mais alguns anos.

#### João Cronberger

Trata-se, muito provavelmente de um filho de Jacob Cronberger, já referido. Os documentos consultados não o referem individualmente, mas citado como continuador de Jacob. Seria então o herdeiro da oficina

<sup>15</sup> ANSELMO, António Joaquim – *Op. cit.*, p. 150.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 160.

do pai, em Sevilha, cidade onde imprimiu a edição de 1539 das *Ordenações d'el-Rei D. Manuel*.

Segundo Martins de Carvalho, em artigo esclarecendo alguma polémica à volta desta edição e deste impressor, citado por Brito Aranha<sup>17</sup>, são de João Cronberger os primeiros quatro livros, impressos em Sevilha. Quanto ao quinto, este suscita alguma confusão com o da edição de 1521, ao referir ter sido feito em Lisboa, embora o tipo de caracteres tipográficos seja o mesmo dos outros quatro da oficina de Sevilha.

### Manuel João

Embora seja totalmente aceite que a autoria da impressão da edição de 1565 pertence a este impressor, não foi possível encontrar, a não ser em António Joaquim Anselmo<sup>18</sup>, referências biográficas sobre ele, para além de que tinha oficina em Lisboa.

Segundo este autor, chegaram até nós quinze trabalhos de Manuel João, se bem que pouco perfeitos. Imprimiu em caracteres góticos, em Lisboa e em Viseu. Como marcas, usou em alguns trabalhos de Lisboa o escudo das armas reais com o grifo; em Viseu usou o brasão do bispo D. Jorge de Ataíde, de quem se intitulava tipógrafo.

## Conclusão

O século XVI foi de extraordinária riqueza em acontecimentos de toda a linha.

Foi o século da descoberta do mundo moderno, pelos dois povos ibéricos; foi o século da implantação do Renascimento e do seu apogeu em certas regiões do Ocidente; foi o século da explosão do comércio intercontinental e do choque de culturas e de alterações do tecido social dele decorrentes; foi o século de Da Vinci, de Erasmo, de Cervantes, de Shakespeare, de Camões, de Gil Vicente, de Pedro Nunes, de Damião de Góis, de D. Manuel I; foi, enfim, o século da grande discussão pública das ideias e da sua rápida propagação, graças a uma arte que aparecera nos finais do século anterior e rapidamente se difundira por toda a Europa: – a arte da impressão.

<sup>17</sup> ARANHA, Brito – *Op. Cit.*, p. 127.

<sup>18</sup> ANSELMO, António Joaquim – *Op. Cit.*, p. 204.

Neste século, o livro impresso atingiu um nível muito elevado de perfeição e abriu as suas páginas a todos os géneros, desde o religioso ao laico, passando pelo científico, pelo técnico, pelo clássico ou pelo jurídico.

O caso nacional pode colocar-se entre os de vanguarda, graças a individualidades de grande sensibilidade cultural, de que devemos salientar a rainha D. Leonor e os reis D. Manuel I e D. João III, que desde logo compreenderam o alcance da nova arte e trataram de a acarinhar e fomentar em Portugal, quer trazendo grandes mestres estrangeiros, quer criando incentivos legislativos e económicos que permitiriam o estabelecimento de oficinas tipográficas nas mais diversas localidades do País. Lisboa, Braga e Coimbra seriam os centros principais, mas tiveram tipografias de relevo Évora, Leiria, Cernache, Alcobaça ou Goa. Até em Macau e no Japão se imprimia em português.

Obras ímpares de que hoje desfrutamos nas nossas bibliotecas ou nas nossas casas, viram os primeiros prelos no século XVI. A primeira parte da *Monarquia Lusitana*, de Frei Bernardo de Brito, a 1.<sup>a</sup> edição, ou até a célebre edição dos piscos, de *Os Lusíadas*, foram obra de artistas tipógrafos deste século.

As diversas edições das *Ordenações d'el-Rei D. Manuel*, que elegemos para objecto deste trabalho, não foram mais do que o reflexo da grande importância que a arte de imprimir estava atingindo, bem como do interesse do próprio Estado em contribuir para o seu desenvolvimento e expansão.

Não terminaríamos bem se não fizéssemos uma breve referência a uma vertente, porventura menos tipograficamente profissional, da arte da impressão, que é a gravura.

Século de transição da gravura em madeira para a gravura em metal, esta arte vai conhecer importante desenvolvimento, contribuindo, cada vez mais, para a expansão da arte tipográfica, na medida em que não só complementava o texto impresso como embelezava o próprio livro com primorosas portadas, belas estampas ou artísticas capas.

O presente trabalho foi realizado no âmbito do Curso de Especialização de Técnicos Editoriais da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Com ligeiras adaptações, foi apresentado, em representação do *Jornal do Exército*, na reunião anual da Associação de Editores Iberoamericanos de Revistas Militares, realizada em Buenos Aires em Junho de 1996, e publicada pela revista *Mastil, Revista Iberoamericana de las Armas y Servicios 1995/96*, órgão da referida Associação, juntamente com as comunicações dos restantes países participantes (El Salvador, Bolívia, Venezuela, Brasil, Uruguai, Colômbia, Portugal, Chile, Peru, Equador, Paraguai, Espanha, México, EUA, Honduras, Guatemala, Argentina e República Dominicana).

